

Sábado, 02 de Maio de 2026

Como a desindustrialização afeta negativamente nossa economia

CARLOS RODOLFO SCHNEIDER

É fato que a participação da indústria, e especialmente da indústria de transformação, no PIB do Brasil e no PIB da indústria mundial, vem caindo. Outro fato é que temos dado pouca importância ao impacto disso no crescimento e no desenvolvimento do país, apesar das inúmeras evidências que aí estão.

O ranking global de valor adicionado da indústria de transformação – MVA (Manufacturing Value Added) publicado pela Unido (United Nations Industrial Development Organization), mostra que a participação da indústria brasileira no PIB em 2021 foi de apenas 10,2%, contra a média de 22,9% do grupo de economias industriais de renda média ao qual pertencemos, e o MVA per capita do Brasil, de US\$ 875, representa só 42% do valor do mesmo grupo de países industrializados de renda média. E mais, a participação da média e alta intensidade tecnológica no MVA do Brasil foi de 33,7% em 2021, contra 39,3% no grupo de países de referência acima citado. Resultado, em grande parte, da queda de investimentos na indústria de transformação, cuja participação no investimento total na economia caiu de 28% em 2008 para 15% dez anos depois.

O economista Samuel Pessoa chama a atenção para o quanto o nosso sistema tributário penaliza a indústria. O setor paga muito mais impostos do que a agropecuária e os serviços. E diz que esse jogo tem que ser equilibrado. Do ICMS arrecadado, por exemplo, a indústria de transformação paga 50% e o agronegócio 10%. Também o manicômio tributário brasileiro penaliza muito mais a indústria que tem cadeias produtivas longas e por isso precisa conviver com diversos regimes tributários especiais. Assunto para a Reforma Tributária que está no Congresso Nacional.

A indústria pode ajudar muito mais o país. A cada R\$ 1,00 que ela produz, são gerados R\$ 2,43 na economia brasileira segundo a CNI. É quem mais investe em pesquisa e gera os empregos mais qualificados. Foi a indústria que catapultou a China de economia agrária rudimentar para maior economia do mundo em termos de paridade de poder de compra, em poucas décadas. A indústria de transformação é responsável por 60% das despesas de Pesquisa & Desenvolvimento no mundo e é o setor que tem o maior impacto na produtividade da economia e no desenvolvimento de serviços sofisticados. Segundo o economista Paulo Gala, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), os países são ricos porque tem domínio tecnológico, e nenhuma nação chegou à fronteira tecnológica sem possuir um setor industrial forte. E cita Alemanha, Suécia, Coreia do Sul, Suíça, Estados Unidos, Finlândia e Dinamarca por sua altíssima produção industrial per capita.

Mas a nossa indústria de transformação precisa ter condições de competir com seus pares internacionais. E o Custo Brasil, estimado pela CNI em R\$ 1,5 trilhão anual, é uma pedra no caminho. Torna o país pouco competitivo e hostil para quem quer empreender e investir. Certamente não é por incompetência do empresário brasileiro que a nossa indústria está encolhendo. É pelos entraves que são colocados. Para superá-los, empresários próximos ao poder buscam proteção ou compensação. Empresas pequenas buscam isenções e apoios. Quem está no meio do caminho precisa fazer milagres para sobreviver e crescer. E se quisermos aproveitar pelo menos as sobras do processo de redesenho das cadeias mundiais de suprimentos, os chamados nearshoring, safeshoring, friendshoring ou simplesmente reshoring, não devemos demorar a agir. Senão a

indústria caipira definitivamente vai ficar para trás e o país também.

Carlos Rodolfo Schneider é empresário